

**CARTA APOSTÓLICA  
DO SANTO PADRE FRANCISCO  
AOS BISPOS, SACERDOTES E DIÁCONOS, A PESSOAS CONSAGRADAS E AOS LEIGOS FIÉIS  
SOBRE EDUCAÇÃO LITÚRGICA DO POVO DE DEUS**

1. Queridos irmãos e irmãs,

Com esta carta desejo chegar a todos - já tendo escrito aos bispos apenas após a publicação do *Motu Proprio Traditionis custodes* - para partilhar convosco algumas reflexões sobre a Liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja. O assunto é muito amplo e merece cuidadosa consideração em todos os aspectos: no entanto, com este artigo não pretendo tratar a questão de forma exaustiva. Eu simplesmente quero oferecer um pouco de reflexão para contemplar a beleza e a verdade das celebrações cristãs.

**A Liturgia: "hoje" da história da salvação**

2. "Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes da minha paixão" (Lc 22,15). As palavras de Jesus com as quais se abre a história da Última Ceia são a abertura pela qual nos é dada a surpreendente possibilidade de intuir a profundidade do amor das Pessoas da Santíssima Trindade para conosco.

3. Pedro e João foram enviados para se preparar para a Páscoa, mas, olhando mais de perto, toda a criação, toda a história - que finalmente estava prestes a se revelar como a história da salvação - é uma grande preparação para essa Ceia. Pedro e os outros estão naquela mesa, inconscientes mas necessários: todo presente para ser tal deve ter alguém disposto a recebê-lo. Nesse caso, a desproporção entre a imensidão do presente e a pequenez do destinatário é infinita e não pode deixar de nos surpreender. No entanto - pela misericórdia do Senhor - o dom é confiado aos Apóstolos para que seja levado a cada homem.

4. Naquela Ceia ninguém ganhou lugar, todos foram convidados, ou melhor, atraídos pelo desejo ardente que Jesus tem de comer aquela Páscoa com eles: Ele sabe que é o Cordeiro daquela Páscoa, sabe que ele é a Páscoa. Esta é a novidade absoluta daquela Ceia, a única verdadeira novidade da história, que a torna única e, portanto, "última", irrepetível. No entanto, seu desejo infinito de restabelecer aquela comunhão conosco, que foi e continua sendo o projeto original, não pode ser satisfeito até que todo homem, de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5, 9) tenha comido seu Corpo e bebido seu Sangue: por isso essa mesma Ceia se fará presente, até o seu retorno, na celebração da Eucaristia.

5. O mundo ainda não sabe, mas todos estão convidados para as bodas do Cordeiro (Ap 19,9). Para acessá-lo, basta a veste nupcial da fé que vem da escuta da sua Palavra (cf. Rm 10,17): a Igreja o faz à medida com a brancura de um tecido lavado no Sangue do Cordeiro. (cf. Ap 7:14). Não devemos ter um momento sequer de descanso sabendo que nem todos receberam ainda o convite para a Ceia ou que outros a esqueceram ou perderam nos caminhos tortuosos da vida humana. Por isso eu disse que "sonho com uma escolha missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, estilos, horários, linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo de hoje, e não para a autopreservação". ( *Evangelii gaudium* , n. 27): para que todos possam sentar-se à Ceia do Cordeiro e viver por Ele.

6. Antes da nossa resposta ao seu convite - muito antes - há o seu desejo por nós: podemos até não estar cientes disso, mas cada vez que vamos à Missa a primeira razão é porque somos atraídos pelo seu desejo por nós. De nossa parte, a resposta possível, a ascese mais exigente, é, como sempre, entregar-se ao seu amor, querer deixar-se atrair por ele. Certamente toda nossa comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo foi desejada por Ele na Última Ceia.

7. O conteúdo do Pão partido é a cruz de Jesus, seu sacrifício em amorosa obediência ao Pai. Se não tivéssemos a Última Ceia, ou seja, a antecipação ritual de sua morte, não teríamos podido compreender como a execução de sua sentença de morte poderia ser o ato perfeito e agradável de adoração ao Pai, o único verdadeiro ato de adoração. Poucas horas depois, os Apóstolos poderiam ter visto na cruz de Jesus, se tivessem suportado o seu peso, o que significava "corpo oferecido", "sangue derramado": e é isso que recordamos em cada Eucaristia. Quando ele volta dos mortos para partir o pão para os discípulos de Emaús e para seu povo que voltou a pescar - e não homens - no lago da Galiléia, aquele gesto abre seus olhos, cura-os da cegueira infligida pelo horror da cruz, permitindo-lhes "ver" o Ressuscitado,

8. Se tivéssemos chegado a Jerusalém depois de Pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não apenas de ter informações sobre Jesus de Nazaré, mas ainda poder encontrá-lo, não teríamos outra opção senão buscar os seus para ouvir suas palavras e ver seus gestos, mais vivos do que nunca. Não teríamos outra chance de um verdadeiro encontro com ele senão a da comunidade que celebra. Por isso a Igreja sempre guardou como seu tesouro mais precioso o mandato do Senhor: "fazei isto em memória de mim".

9. Desde o início, a Igreja estava ciente de que não era uma representação, mesmo que sagrada, da Ceia do Senhor: não teria sentido e ninguém poderia pensar em "encenar" - ainda mais sob os olhos de Maria, a Mãe do Senhor - aquele momento muito alto na vida do Mestre. Desde o início a Igreja compreendeu, iluminada pelo Espírito Santo, que o que era visível de Jesus, o que podia ser visto com os olhos e tocado com as mãos, suas palavras e gestos, a concretude do Verbo Encarnado, tudo o que Ele havia passado na celebração dos sacramentos. [1]

### **A Liturgia: lugar de encontro com Cristo**

10. Aqui reside toda a poderosa beleza da Liturgia. Se a Ressurreição fosse para nós um conceito, uma ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós a memória da memória dos outros, por mais autoritários que fossem os Apóstolos, se não nos fosse dada a possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele, seria como declarar esgotada a novidade do Verbo feito carne. Ao contrário, a encarnação, além de ser o único evento novo que a história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir o caminho da comunhão. A fé cristã ou é um encontro com ele vivo ou não é.

11. A Liturgia nos garante a possibilidade de tal encontro. Não precisamos de uma vaga lembrança da Última Ceia: precisamos estar presentes naquela Ceia, poder ouvir sua voz, comer seu Corpo e beber seu Sangue: precisamos dele. Na Eucaristia e em todos. sacramentos nos é garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pelo poder de sua Páscoa. A força salvífica do sacrifício de Jesus, de cada palavra sua, de cada gesto, olhar, sentimento chega até nós na celebração dos sacramentos. Eu sou Nicodemos e a mulher samaritana, o possesso de Cafarnaum e o paralítico na casa de Pedro, o pecador perdoado e a mulher com hemorragia, a filha de Jairo e o cego de Jericó, Zaquê e Lázaro, o ladrão perdoado e Pedro. O Senhor Jesus que imolado na cruz, já não morre, e com os sinais da paixão vive imortal [2] continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com o poder dos sacramentos. É o caminho concreto, por meio da encarnação, com que ele nos ama; é a maneira pela qual ele satisfaz aquela sede de nós que declarou na cruz (Jo 19,28).

12. O nosso primeiro encontro com a sua Páscoa é o acontecimento que marca a vida de todos nós que cremos em Cristo: o nosso baptismo. Não é uma adesão mental ao seu pensamento ou a assinatura de um código de conduta imposto por ele: é mergulhar em sua paixão, morte, ressurreição e ascensão. Não é um gesto mágico: a magia é o contrário da lógica dos sacramentos porque afirma ter poder sobre Deus e por isso vem do tentador. Em perfeita continuidade com a Encarnação, nos é dada a possibilidade, em virtude da presença e ação do Espírito, de morrer e ressuscitar em Cristo.

13. A maneira como isso acontece é em movimento. A oração de bênção da água batismal [3] revela-nos que Deus criou a água precisamente em vista do batismo. Quer dizer que enquanto Deus criava a água estava pensando no batismo de cada um de nós e este pensamento o acompanhou em sua ação ao longo da história da salvação todas as vezes que, com um plano preciso, quis usar a água. É como se, depois de criá-lo, quisesse aperfeiçoá-lo para se tornar a água do batismo. E por isso quis enchê-la com o movimento do seu Espírito que pairava sobre ela (cf. Gn 1, 2) para que contivesse em germe o poder de santificar; usou-a para regenerar a humanidade no dilúvio (cf. Gn 6,1-9,29); dominou-o separando-o para abrir um caminho de libertação no Mar Vermelho (cf. Ex 14); consagrou-o no Jordão, imergindo nele a carne do Verbo imbuído do Espírito (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). No fim, misturou-o com o sangue de seu Filho, dom do Espírito inseparavelmente unido ao dom da vida e da morte do Cordeiro sacrificado por nós, e o derramou sobre nós do lado traspassado (Jo 19,34). É nesta água que fomos imersos para que pelo seu poder pudéssemos ser enxertados no Corpo de Cristo e com Ele ressuscitar para a vida imortal (cf. Rm 6, 1-11).

### **A Igreja: sacramento do Corpo de Cristo**

14. Como nos lembrou o Concílio Vaticano II (ver Sacrosanctum Concilium , n. 5) citando as Escrituras, os Padres e a Liturgia - os pilares da verdadeira Tradição - do lado de Cristo adormecido na cruz o admirável sacramento de toda a Igreja . [4]O paralelo entre o primeiro e o novo Adão é surpreendente: como do lado do primeiro Adão, depois de ter deixado cair sobre ele um torpor, Deus atraiu Eva, do lado do novo Adão, adormecido no sono da morte, nasce a nova Eva. , a igreja. O espanto está nas palavras que podemos pensar que o novo Adão faz suas olhando para a Igreja: "Desta vez ele é osso dos meus ossos, carne da minha carne" (Gn 2,23). Ao crer na Palavra e descer na água do batismo, nos tornamos osso de seus ossos, carne de sua carne.

15. Sem esta incorporação não há possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus, com efeito, há apenas um ato de culto que é perfeito e agradável ao Pai, a obediência do Filho cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de poder participar de sua oferta é tornar-se filhos no Filho. Este é o presente que recebemos. O sujeito que atua na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo.

### **O significado teológico da liturgia**

16. Devemos ao Concílio - e ao movimento litúrgico que o precedeu - a redescoberta da compreensão teológica da Liturgia e de sua importância na vida da Igreja: os princípios gerais enunciados pela Sacrosanctum Concilium como fundamentais para a intervenção reformadora. , continuam a sê-lo para a promoção dessa participação plena, consciente, ativa e fecunda na celebração ( cf. Sacrosanctum Concilium, nº 14). Com esta carta, gostaria simplesmente de convidar toda a Igreja a redescobrir, preservar e viver a verdade e a força da celebração cristã. Gostaria que a beleza da celebração cristã e suas consequências necessárias na vida da Igreja não fossem prejudicadas por uma compreensão superficial e redutora de seu valor ou, pior ainda, por sua exploração a serviço de alguma visão ideológica, seja ela qual for ser. A oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia para que todos sejam um (Jo 17,21), julga todas as nossas divisões em torno do Pão partido, sacramento da piedade, sinal de unidade , vínculo de caridade . [5]

### **A Liturgia: um antídoto para o veneno do mundanismo espiritual**

17. Tenho advertido repetidas vezes contra uma perigosa tentação para a vida da Igreja que é o "mundanismo espiritual": falei muito dela na Exortação Evangelii gaudium (nn. 93-97), identificando no gnosticismo e no neo-pelagianismo os dois formas interligadas que a alimentam.

A primeira reduz a fé cristã a um subjetivismo que fecha o indivíduo "na imanência de sua própria razão ou de seus sentimentos" ( *Evangelii gaudium* , n. 94).

A segunda anula o valor da graça para confiar apenas na própria força, dando origem a "um elitismo narcísico e autoritário, onde em vez de evangelizar os outros são analisados e classificados, e em vez de facilitar o acesso à graça, se consome energia no verificar" ( *Evangelii gaudium* , n. 94).

### **Essas formas distorcidas de cristianismo podem ter consequências desastrosas para a vida da Igreja.**

18. Do que quis recordar acima, é evidente que a Liturgia é, por sua própria natureza, o antídoto mais eficaz contra esses venenos. Obviamente estou falando da Liturgia em seu sentido teológico e certamente não - Pio XII já a afirmou - como um cerimonial decorativo ou mera soma de leis e preceitos que regulam o culto. [6]

19. Se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a celebração litúrgica nos liberta da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela razão ou pelo sentimento: a ação celebrativa não pertence ao indivíduo, mas a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A Liturgia não diz "eu", mas "nós" e qualquer limitação na extensão desse "nós" é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um conhecimento individual presumido do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, em assembléia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E o faz, coerentemente com a ação de Deus, seguindo o caminho da encarnação, através da linguagem simbólica do corpo que se estende nas coisas, no espaço e no tempo.

20. Se o neopelagianismo nos intoxica com a presunção de uma salvação conquistada por nossas próprias forças, a celebração litúrgica nos purifica proclamando a gratuidade do dom da salvação aceito na fé. Participar do sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa como se pudéssemos nos gabar disso diante de Deus e de nossos irmãos. O início de cada celebração me lembra quem sou, pedindo-me para confessar meu pecado e convidando-me a implorar à sempre bem-aventurada Virgem Maria, aos anjos, aos santos e a todos os irmãos e irmãs, que rezem ao Senhor por mim: certamente não somos dignos de entrar em sua casa, precisamos de sua palavra para ser salvos (cf. Mt 8,8). Não temos outro orgulho senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl 6,14). A liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom pascal do Senhor que, recebido com docilidade, renova a nossa vida. Não se entra no Cenáculo se não for pela atração de seu desejo de comer a Páscoa conosco: *Desiderio queria hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar* (Lc 22,15).

### **Redescubra todos os dias a beleza da verdade da celebração cristã.**

21. No entanto, devemos ter cuidado: para que o antídoto da liturgia seja eficaz, somos chamados a redescobrir a beleza da verdade da celebração cristã todos os dias. Refiro-me mais uma vez ao seu sentido teológico, como n. 7 da *Sacrosanctum Concilium* descreveu admiravelmente: a Liturgia é o sacerdócio de Cristo revelado e dado a nós na sua Páscoa, tornado presente e ativo hoje por meio de sinais sensíveis (água, óleo, pão, vinho, gestos, palavras) porque o Espírito, imergindo-nos no mistério pascal, vós transformais toda a nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo.

22. A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca de um esteticismo ritual que se deleita apenas com o cuidado da formalidade externa de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância da rubrica. Obviamente esta afirmação não quer de forma alguma aprovar a atitude oposta que confunde simplicidade com banalidade desleixada, essencialidade com superficialidade ignorante, a concretude da ação ritual com um funcionalismo prático exasperado.

23. Sejam claros: todos os aspectos da celebração devem ser cuidados (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, roupas, canto, música, ...) e todas as rubricas devem ser observadas: essa atenção bastaria para evitar roubando à assembléia o que lhe é devido, ou seja, o mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja instituiu. Mas mesmo que a qualidade e a norma da ação comemorativa fossem garantidas, isso não seria suficiente para tornar plena nossa participação.

### **Maravilha para o mistério pascal: parte essencial do ato litúrgico**

24. Se faltasse o assombro pelo mistério pascal que se faz presente na concretude dos sinais sacramentais, poderíamos realmente arriscar-nos a ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Não bastam os louváveis esforços em prol de uma melhor qualidade da celebração, nem mesmo uma referência à interioridade: também esta corre o risco de ser reduzida a uma subjetividade vazia se não acolher a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é o resultado de uma busca interior individual por Ele, mas é um acontecimento dado: podemos encontrar Deus através do fato novo da Encarnação, que na Última Ceia chega ao extremo de querer ser comido por nós. Como pode acontecer-nos o infortúnio para escapar ao encanto da beleza deste presente?

25. Com a admiração do mistério pascal, não quero dizer de modo algum o que às vezes me parece que você quer expressar com a expressão efumada "senso de mistério": às vezes, entre as alegadas acusações contra a reforma litúrgica, há também a de tê-la - diz-se - eliminada da festa. O espanto de que falo não é uma espécie de perplexidade diante de uma realidade sombria ou de um rito enigmático, mas é, ao contrário, a admiração pelo fato de que o plano salvífico de Deus nos foi revelado na Páscoa de Jesus. (cf. Ef 1, 3-14) cuja eficácia continua a chegar até nós na celebração dos "mistérios", ou melhor, dos sacramentos.

Não deixa de ser verdade que a plenitude da revelação tem, em relação à nossa finitude humana, um excesso que nos transcende e que terá seu cumprimento no fim dos tempos, quando o Senhor voltar. Se o espanto for verdadeiro, não há risco de que a alteridade da presença de Deus não seja percebida, apesar da proximidade que a encarnação desejava. mérito. A beleza, como a verdade, sempre gera espanto e quando se refere ao mistério de Deus, leva à adoração.

26. O espanto é parte essencial do ato litúrgico porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a maravilha de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em referir-se a um conceito abstrato, mas em conter e expressar o que ele significa em sua concretude.

### **A necessidade de uma formação litúrgica séria e vital**

27. A questão fundamental é, portanto, esta: como recuperar a capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? A reforma do Conselho tem esse objetivo. O desafio é muito exigente porque o homem moderno - não em todas as culturas igualmente - perdeu a capacidade de lidar com a ação simbólica que é uma característica essencial do ato litúrgico.

28. A pós-modernidade - em que o homem se sente ainda mais perdido, sem referências de qualquer tipo, desprovido de valores porque se tornou indiferente, órfão de tudo, numa fragmentação em que um horizonte de sentido parece impossível - ainda está sobrecarregada do pesado legado que a época anterior nos deixou, composto de individualismo e subjetivismo (que mais uma vez lembram o pelagianismo e o gnosticismo), bem como de um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, um espírito encarnado e, portanto, em si mesmo ele próprio capaz de ação e compreensão simbólicas.

29. É com a realidade da modernidade que a Igreja reunida no Concílio quis se confrontar, reafirmando a consciência de ser sacramento de Cristo, luz dos povos (Lumen gentium), escuta da palavra de

Deus (Dei Verbum) religiosamente e reconhecendo como próprias as alegrias e esperanças (Gaudium et spes) dos homens de hoje. As grandes Constituições conciliares não são separáveis e não é por acaso que esta grande reflexão do Concílio Ecumênico - expressão máxima da sinodalidade da Igreja de cuja riqueza sou chamado a ser, com todos vocês, o guardião - começou da Liturgia (Sacrosanctum Concilium).

30. Encerrando a segunda sessão do Conselho (4 de dezembro de 1963) São Paulo VI se expressou da seguinte forma:

“Afinal, esta discussão apaixonada e complexa não foi de modo algum sem frutos abundantes: de fato, aquele tema que foi abordado em primeiro lugar e que, em certo sentido, é preeminente na Igreja, tanto por sua natureza como por sua dignidade - queremos dizer a sagrada Liturgia - chegou a uma conclusão feliz, e hoje chega até nós com um rito solene promulgado. Por isso nossa alma se alegra com alegria sincera.

De fato, neste fato reconhecemos que a justa ordem de valores e deveres foi respeitada: assim reconhecemos que o lugar de honra deve ser reservado a Deus; que nós, como primeiro dever, somos obrigados a levantar orações a Deus; que a sagrada Liturgia é a fonte primária desse intercâmbio divino em que a vida de Deus nos é comunicada, é a primeira escola de nossa alma, é o primeiro dom que deve ser dado por nós ao povo cristão, unido a nós na fé e na assiduidade à oração; enfim, o primeiro convite à humanidade para soltar sua língua muda em orações santas e sinceras e sentir aquela inefável força regeneradora da alma que é inerente a cantar conosco os louvores de Deus e na esperança dos homens, por Jesus Cristo e em o espírito Santo”. [7]

31. Nesta carta não posso discutir a riqueza das expressões individuais que deixo para sua meditação. Se a Liturgia é "o ápice para onde tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua energia" (Sacrosanctum Concilium, n.10), compreendemos bem o que está em jogo na questão litúrgica. Seria trivial ler as tensões, infelizmente presentes em torno da celebração, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades em relação a uma forma ritual.

O problema é sobretudo eclesiológico. Não vejo como podemos dizer que reconhecemos a validade do Concílio - ainda que me surpreenda um pouco que um católico possa presumir não fazê-lo - e não aceitar a reforma litúrgica nascida da Sacrosanctum Concilium que exprime a realidade da Liturgia em íntima conexão com a visão da Igreja admiravelmente descrita pela Lumen gentium. Por isso - como expliquei na carta enviada a todos os Bispos - senti o dever de afirmar que "os livros litúrgicos promulgados pelos Santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da lex orandi do Rito Romano" (Motu Proprio Traditionis custodes, art. 1).

A não aceitação da reforma, bem como uma compreensão superficial dela, nos desvia do compromisso de encontrar as respostas à pergunta que repito: como crescer na capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? Como podemos continuar a nos maravilhar com o que acontece diante de nossos olhos na celebração? Precisamos de uma formação litúrgica séria e vital.

32. Voltemos novamente ao Cenáculo em Jerusalém: na manhã de Pentecostes, nasce a Igreja, célula inicial da nova humanidade. Só a comunidade de homens e mulheres reconciliados porque perdoados, vivos porque Ele está vivo, verdadeiros porque habitados pelo Espírito da verdade, pode abrir o estreito espaço do individualismo espiritual.

33. É a comunidade de Pentecostes que pode partir o Pão na certeza de que o Senhor está vivo, ressuscitou dos mortos, presente com a sua palavra, com os seus gestos, com a oferta do seu Corpo e Sangue. A partir desse momento a celebração torna-se o lugar privilegiado, não o único, do encontro com Ele. Sabemos que só graças a este encontro o homem se torna plenamente homem. Só a Igreja de Pentecostes pode conceber o homem como pessoa, aberta a uma relação plena com Deus, com a criação e com os irmãos.

34. Aqui surge a questão decisiva da formação litúrgica. Guardini diz: "Também a primeira tarefa prática se delinea assim: sustentados por essa transformação interior de nosso tempo, devemos aprender mais uma vez a encarar a relação religiosa como homens em sentido pleno". [8] É isso que a Liturgia torna possível, é para isso que devemos ser treinados. O próprio Guardini não hesita em afirmar que, sem formação litúrgica, "as reformas no rito e no texto não ajudam muito". [9] Agora não pretendo tratar exaustivamente do riquíssimo tema da formação litúrgica: gostaria apenas de oferecer algumas reflexões. Acho que podemos distinguir dois aspectos: formação na liturgia e formação na liturgia. O primeiro é funcional ao segundo que é essencial.

35. É necessário encontrar canais para a formação como estudo da liturgia: a partir do movimento litúrgico, muito tem sido feito nesse sentido, com valiosas contribuições de muitos estudiosos e instituições acadêmicas. No entanto, é necessário difundir este conhecimento fora da esfera acadêmica, de forma acessível, para que cada crente possa crescer no conhecimento do significado teológico da Liturgia - esta é a questão decisiva e fundamental de todo conhecimento e prática litúrgica - bem como do desenvolvimento das celebrações cristãs. , adquirindo a capacidade de compreender os textos eucológicos, os dinamismos rituais e o seu valor antropológico.

36. Penso na normalidade das nossas assembleias que se reúnem para celebrar a Eucaristia no dia do Senhor, domingo após domingo, Páscoa após Páscoa, em momentos particulares da vida das pessoas e das comunidades, nas várias idades da vida: os ministros ordenados realizam uma ação pastoral de primeira importância quando levam os fiéis batizados pela mão para conduzi-los à repetida experiência pascal. Lembremos sempre que é a Igreja, o Corpo de Cristo, o sujeito celebrante, não apenas o sacerdote.

O conhecimento que vem do estudo é apenas o primeiro passo para poder entrar no celebrado mistério. É evidente que, para liderar irmãos e irmãs, os ministros que presidem a assembléia devem conhecer o caminho tanto estudando-o no mapa da ciência teológica como participando-o na prática de uma experiência de fé viva, nutrida pela oração, certamente não apenas como um compromisso a ser cumprido. No dia da ordenação, cada presbítero ouve o bispo dizer: "Percebe o que vais fazer, imita o que vais celebrar, conforma a tua vida ao mistério da cruz de Cristo Senhor". [10]

37. Mesmo a abordagem do estudo da liturgia nos seminários deve levar em conta a extraordinária capacidade que a celebração tem em si mesma de oferecer uma visão orgânica do conhecimento teológico. Cada disciplina de teologia, cada uma segundo a sua perspectiva, deve mostrar a sua íntima ligação com a Liturgia, em virtude da qual se revela e se realiza a unidade da formação sacerdotal (cf. Sacrosanctum Concilium, não. 16). Uma abordagem de sabedoria litúrgica para a formação teológica nos seminários certamente teria efeitos positivos também na ação pastoral. Não há aspecto da vida eclesial que não encontre nela seu ápice e sua fonte.

A pastoral global, orgânica e integrada, mais do que resultado de programas elaborados, é consequência de colocar a celebração eucarística dominical, fundamento da comunhão, no centro da vida da comunidade. A compreensão teológica da Liturgia não nos permite de forma alguma compreender estas palavras como se tudo se resumisse ao aspecto cultural. Não é autêntica uma celebração que não evangeliza, assim como não é autêntico um anúncio que não conduz ao encontro com o Ressuscitado na celebração: tanto, pois, sem o testemunho da caridade,

38. Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica, no seu primeiro sentido, não é algo que possamos pensar em conquistar de uma vez por todas: visto que o dom do mistério celebrado excede a nossa capacidade de conhecimento, este empenho deve certamente acompanhar o permanente formação de cada um, com a humildade dos pequeninos, atitude que se abre ao espanto.

39. Uma última observação sobre os seminários: além do estudo, devem oferecer também a possibilidade de viver uma celebração não apenas exemplar do ponto de vista ritual, mas autêntica, vital, que permita viver aquela verdadeira comunhão com Deus para o qual até mesmo o conhecimento teológico deve se esforçar. Somente a ação do Espírito pode aperfeiçoar nosso conhecimento do mistério de Deus, que não é uma questão de compreensão mental, mas de uma relação que toca a vida. Esta experiência é fundamental para que, uma vez ordenados ministros, possam acompanhar as comunidades no mesmo caminho de conhecimento do mistério de Deus, que é mistério de amor.

40. Esta última consideração leva-nos a refletir sobre o segundo sentido com que podemos entender a expressão "formação litúrgica". Refiro-me a ser formado, cada um segundo a sua vocação, pela participação na celebração litúrgica. Mesmo o conhecimento de estudo que acabo de mencionar, para que não se torne racionalismo, deve ser funcional para o cumprimento da ação formativa da Liturgia em cada crente em Cristo.

41. Do que dissemos sobre a natureza da Liturgia é evidente que o conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste na assimilação mental de uma ideia, mas num envolvimento existencial real com a sua pessoa. Nesse sentido, a liturgia não se preocupa com o "conhecimento" e sua finalidade não é primordialmente pedagógica (embora tenha um grande valor pedagógico: ver Sacrosanctum Concilium, n.º 33), mas é louvor, ação de graças pela Páscoa do Filho, cujo poder de salvação chega à nossa vida.

A celebração diz respeito à realidade de sermos dóceis à ação do Espírito que nele opera, até que Cristo seja formado em nós (cf. Gl 4,19). A plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo. Repito: não se trata de um processo mental, abstrato, mas de tornar-se Ele. Este é o propósito para o qual foi dado o Espírito, cuja ação é sempre e somente fazer o Corpo de Cristo. É assim com o pão eucarístico, é assim para cada batizado chamado a tornar-se cada vez mais aquilo que recebeu de dom no batismo, ou seja, ser membro do Corpo de Cristo. Leão, o Grande, escreve:[11]

42. Esse envolvimento existencial ocorre - em continuidade e coerência com o método da encarnação - pela via sacramental. A Liturgia é feita de coisas que são exatamente o oposto das abstrações espirituais: pão, vinho, óleo, água, perfume, fogo, cinza, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncios, gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz. Toda a criação é uma manifestação do amor de Deus: desde que o mesmo amor se manifestou plenamente na cruz de Jesus, toda a criação foi atraída por ela.

É toda a criação que se supõe ser colocada a serviço do encontro com o Verbo encarnado, crucificado, morto, ressuscitado, ascendido ao Pai. Assim como ele canta a oração sobre a água para a pia batismal, mas também a oração sobre o óleo para o sagrado crisma e as palavras da apresentação do pão e do vinho,

43. A liturgia dá glória a Deus não porque possamos acrescentar algo à beleza da luz inacessível em que Ele habita (cf. 1Tm 6,16) ou à perfeição do canto angélico que ressoa eternamente nos assentos celestes. A liturgia dá glória a Deus porque nos permite, aqui na terra, ver Deus na celebração dos mistérios e, ao vê-lo, revivermos da sua Páscoa: nós, que de mortos estávamos pelos pecados, pela graça, foram feitos revivendo com Cristo (cf. Ef 2,5), nós somos a glória de Deus. Irineu, doctor unitatis, nos lembra: "A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem consiste na visão de Deus: se já a revelação de Deus através da criação dá vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai através da Palavra é causa de vida para quem vê Deus! ». [12]

44. Guardini escreve: "Com isso se delinea a primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica: o homem deve voltar a ser capaz de símbolos". [13] Este compromisso diz respeito a todos, ministros ordenados e fiéis. A tarefa não é fácil porque o homem moderno se tornou analfabeto, não sabe mais ler símbolos, mal suspeita de sua existência. Isso também acontece com o símbolo do nosso corpo. É

um símbolo porque é uma união íntima de alma e corpo, visibilidade da alma espiritual na ordem do corpóreo e nisso consiste a singularidade humana, a especificidade da pessoa irreduzível a qualquer outra forma de ser vivo.

A nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva: não reconhecê-lo leva-nos inevitavelmente a um desconhecimento não só de Deus, mas também de nós mesmos. Basta olhar para a forma paradoxal como o corpo é tratado, ora tratado de forma quase obsessiva em busca do mito de uma eterna juventude, ora reduzido a uma materialidade à qual toda dignidade é negada. O fato é que o corpo não pode ser valorizado partindo apenas do corpo. Cada símbolo é poderoso e frágil: se não for respeitado, se não for tratado pelo que é, quebra, perde a força, torna-se insignificante.

Já não temos o olhar de São Francisco que olhava para o sol - a quem chamava irmão porque assim o sentia - o via belo e radiante com grande esplendor e, cheio de espanto, cantava: de te Altissimu, porta significado . [14]A perda da capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de cada criatura torna a linguagem simbólica da Liturgia quase inacessível ao homem moderno. No entanto, não se trata de renunciar a esta linguagem: não é possível renunciar a ela porque é o que a Santíssima Trindade escolheu para nos alcançar na carne do Verbo.

Antes, trata-se de recuperar a capacidade de situar e compreender os símbolos da Liturgia. Não devemos nos desesperar, porque no homem essa dimensão, como acabei de dizer, é constitutiva e, apesar dos males do materialismo e do espiritismo - ambos negação da unidade do corpo e da alma - está sempre pronta a ressurgir, como qualquer verdade.

45. A pergunta que nós fazemos é, portanto, como voltar a ser capaz de símbolos? Como voltar a saber lê-los para vivê-los? Sabemos bem que a celebração dos sacramentos é - pela graça de Deus - eficaz em si mesma ( ex opera operato ), mas isso não garante um envolvimento pleno das pessoas sem uma forma adequada de lidar com a linguagem da celebração. A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas é uma experiência vital.

46. Antes de tudo precisamos recuperar a confiança na criação. Quero dizer que as coisas - com as quais os sacramentos são "feitos" - vêm de Deus, são orientadas para ele e foram assumidas por ele, especialmente com a encarnação, para que se tornem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça. Aqui sente-se toda a distância tanto da visão materialista quanto da espiritualista. Se as coisas criadas são parte indispensável da ação sacramental que opera nossa salvação, devemos nos preparar para elas com um olhar novo, não superficial, respeitoso e agradecido. Desde o início eles contêm a semente da graça santificante dos sacramentos.

47. Outra questão decisiva - refletindo sempre sobre como a Liturgia nos molda - é a educação necessária para poder adquirir a atitude interior que nos permite colocar e compreender os símbolos litúrgicos. Eu expressei isso de uma forma simples. Estou a pensar nos pais e, mais ainda, nos avós, mas também nos nossos párocos e catequistas. Muitos de nós aprendemos o poder dos gestos litúrgicos - como o sinal da cruz, ajoelhar-se, as fórmulas da nossa fé - diretamente deles. Talvez não tenhamos a memória viva disso, mas podemos imaginar facilmente o gesto de uma mão maior que pega a mãozinha de uma criança e a acompanha lentamente traçando pela primeira vez o sinal de nossa salvação. O movimento é acompanhado por palavras, que também são lentas, como se tomassem posse de cada momento daquele gesto, de todo o corpo: "Em nome do Pai... e do Filho... e do Espírito Santo... Amém".

Em seguida, solte a mão da criança e observe-a repetir por si mesma, pronta para socorrê-la, aquele gesto já entregue, como um vestido que crescerá com ela, vestindo-a da maneira que só o Espírito sabe. A partir desse momento esse gesto, sua força simbólica, nos pertence ou, melhor dizendo, pertencemos a esse gesto, ele nos dá forma, somos formados por ele. Você não precisa de muitos discursos, você não precisa ter entendido tudo sobre aquele gesto: você precisa ser pequeno tanto em entregá-lo quanto em recebê-lo. O resto é obra do Espírito. Assim fomos iniciados na linguagem simbólica.

Não podemos ser roubados dessa riqueza. Crescendo podemos ter mais meios de entender, mas sempre com a condição de permanecermos pequenos. "Em nome do Pai... e do Filho... e do Espírito Santo... Amém". Em seguida, solte a mão da criança e observe-a repetir por si mesma, pronta para socorrê-la, aquele gesto já entregue, como um vestido que crescerá com ela, vestindo-a da maneira que só o Espírito sabe. A partir desse momento esse gesto, sua força simbólica, nos pertence ou, melhor dizendo, pertencemos a esse gesto, ele nos dá forma, somos formados por ele. Você não precisa de muitos discursos, você não precisa ter entendido tudo sobre aquele gesto: você precisa ser pequeno tanto em entregá-lo quanto em recebê-lo. O resto é obra do Espírito.

Assim fomos iniciados na linguagem simbólica. Não podemos ser roubados dessa riqueza. Crescendo podemos ter mais meios de entender, mas sempre com a condição de permanecermos pequenos. "Em nome do Pai... e do Filho... e do Espírito Santo... Amém". Em seguida, solte a mão da criança e observe-a repetir por si mesma, pronta para socorrê-la, aquele gesto já entregue, como um vestido que crescerá com ela, vestindo-a da maneira que só o Espírito sabe. A partir desse momento esse gesto, sua força simbólica, nos pertence ou, melhor dizendo, pertencemos a esse gesto, ele nos dá forma, somos formados por ele.

Você não precisa de muitos discursos, você não precisa ter entendido tudo sobre aquele gesto: você precisa ser pequeno tanto em entregá-lo quanto em recebê-lo. O resto é obra do Espírito. Assim fomos iniciados na linguagem simbólica. Não podemos ser roubados dessa riqueza. Crescendo podemos ter mais meios de entender, mas sempre com a condição de permanecermos pequenos.

### **Ars celebrandi**

48. Uma maneira de preservar e crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia é certamente cuidar da arte de celebrar. Essa expressão também é objeto de várias interpretações. Esclarece-se se é entendido com referência ao significado teológico da Liturgia descrito na Sacrosanctum Concilium no n. 7 e que chamamos várias vezes.

Ars celebrandi não pode ser reduzido à mera observância de um aparato de rubricas e tampouco pode ser pensado como uma criatividade imaginativa - às vezes selvagem - sem regras. O rito é uma norma em si e a norma nunca é um fim em si mesma, mas sempre a serviço da realidade mais elevada que ela quer preservar.

49. Como qualquer arte, requer conhecimentos diferentes.

Em primeiro lugar, a compreensão do dinamismo que descreve a Liturgia. O momento da ação celebrativa é o lugar em que o mistério pascal se torna presente através do memorial para que os batizados, em virtude de sua participação, possam experimentá-lo em suas vidas: sem essa compreensão, facilmente se cai no exteriorismo (mais ou menos refinado) e rubricismo (mais ou menos rígido).

Também é necessário saber como o Espírito Santo age em cada celebração: a arte de celebrar deve estar em harmonia com a ação do Espírito. Só assim estará livre dos subjetivismos, que são fruto da prevalência das sensibilidades individuais, e dos culturalismos, que são aquisições acríicas de elementos culturais que nada têm a ver com um correto processo de inculturação.

### **Por fim, é preciso conhecer a dinâmica da linguagem simbólica, sua peculiaridade, sua eficácia.**

50. Destas breves indicações, fica claro que a arte de celebrar não pode ser improvisada. Como qualquer arte, requer aplicação constante. A técnica é suficiente para um artesão; Além do conhecimento técnico, não pode faltar a um artista a inspiração que é uma forma positiva de posse: o artista, o real, não possui uma arte, ele a possui.

Você não aprende a arte de comemorar porque faz um curso de oratória ou técnicas de comunicação persuasiva (não julgo as intenções, vejo os efeitos). Cada instrumento pode ser útil, mas deve estar sempre sujeito à natureza da Liturgia e à ação do Espírito. Precisamos de dedicação

diligente à festa, deixando a própria festa para nos transmitir sua arte. Guardini escreve: «Devemos perceber quão profundamente ainda estamos enraizados no individualismo e no subjetivismo, quão desacostumados estamos ao apelo das grandezas e quão pequena é a medida de nossa vida religiosa.

O sentido do grande estilo de oração deve despertar, a vontade de envolver também a nossa existência nela. Mas o caminho para esses objetivos é a disciplina, a renúncia a um sentimentalismo suave; trabalho sério, realizado em obediência à Igreja, [15] É assim que você aprende a arte de celebrar.

51. Falando desta questão, somos levados a pensar que se trata apenas de ministros ordenados que exercem o serviço da presidência. Na realidade, é uma atitude que todos os batizados são chamados a viver. Penso em todos os gestos e palavras que pertencem à assembleia: reunir, andar em procissão, sentar, ficar de pé, ajoelhar, cantar, calar, aclamar, olhar, ouvir. São muitas as maneiras pelas quais a assembleia como um homem (Ne 8:1), participa da celebração. Fazer o mesmo gesto todos juntos, falar todos juntos com uma só voz, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia.

É uma uniformidade que não só não mortifica, mas, ao contrário, educa o indivíduo fiel a descobrir a autêntica singularidade de sua personalidade não em atitudes individualistas, mas na consciência de ser um só corpo. Não se trata de ter que seguir uma etiqueta litúrgica: é antes uma "disciplina" - no sentido usado por Guardini - que, se observada com autenticidade, nos forma: são gestos e palavras que ordenam nosso mundo interior fazendo-nos experimentar sentimentos, atitudes, comportamentos. Não são a enunciação de um ideal ao qual tentamos nos inspirar, mas são uma ação que envolve o corpo em sua totalidade,

52. Entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância. É expressamente prescrito várias vezes nas rubricas: **toda a celebração eucarística está imersa no silêncio que precede seu início e marca cada instante de seu desenrolar ritual**. De fato, está presente no ato penitencial; após o convite à oração; na liturgia da Palavra (antes das leituras, entre as leituras e depois da homilia); na oração eucarística; após a comunhão. [16] Não se trata de um refúgio onde se esconder para um isolamento intimista, quase sofrendo o ritual como se fosse uma distração: tal silêncio estaria em contradição com a própria essência da celebração. O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa, por isso muitas vezes constitui o culminar de uma sequência ritual. Precisamente por ser símbolo do Espírito, tem força para expressar sua ação multifacetada.

Assim, refazendo os momentos que mencionei acima, o silêncio leva ao arrependimento e ao desejo de conversão; desperta a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer fazer na vida para nos conformar ao Pão partido. É por isso que somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: o Espírito nos dá forma nele.

53. Cada gesto e cada palavra contém uma ação precisa que é sempre nova porque vai ao encontro de um instante sempre novo de nossa vida. Deixe-me explicar com apenas um exemplo simples. Ajoelhamo-nos para pedir perdão; dobrar nosso orgulho; entregar nossas lágrimas a Deus; implorar sua intervenção; agradecer-lhe um dom recebido: é sempre o mesmo gesto que diz essencialmente o nosso ser pequeno diante de Deus, mas, feito em diferentes momentos da nossa vida, molda a nossa interioridade profunda e depois manifesta-se externamente na nossa relação com Deus e com os irmãos.

Ajoelhar-se também deve ser feito com arte, ou seja, com plena consciência do seu significado simbólico e da necessidade que temos de exprimir com este gesto o nosso modo de estar na presença do Senhor. Se tudo isso vale para este simples gesto, quanto mais vale para a celebração da Palavra? Que arte somos chamados a aprender anunciando a Palavra, ouvindo-a, fazendo dela inspiração da nossa oração, fazendo dela vida? Tudo isso merece o máximo cuidado, não formal, externo, mas vital, interior, porque cada gesto e cada palavra da celebração expressa com "arte" forma a personalidade cristã do indivíduo e da comunidade.

54. Se é verdade que a ars celebrandiz respeito a toda assembléia que celebra, é igualmente verdade que os ministros ordenados devem ter um cuidado especial com ela. Ao visitar as comunidades cristãs, notei muitas vezes que o seu modo de viver a celebração está condicionado - para o bem e, infelizmente, também para o mal - pela forma como o seu pároco preside à assembleia. Poderíamos dizer que existem diferentes "modelos" de presidência. Eis uma possível lista de atitudes que, apesar de opostas, caracterizam a presidência de forma certamente inadequada: rigidez austera ou criatividade exasperada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; pressa apressada ou lentidão enfatizada; descuido desleixado ou refinamento excessivo; afabilidade superabundante ou impassividade hierática. Apesar da amplitude dessa faixa, acho que a inadequação desses modelos tem uma raiz comum: um personalismo exasperado do estilo celebrativo que, às vezes, expressa uma mania mal escondida de protagonismo.

Muitas vezes isso fica mais evidente quando nossas celebrações são transmitidas online, o que nem sempre é oportuno e sobre o qual devemos refletir. Veja bem, essas não são as atitudes mais comuns, mas não raro as assembleias sofrem esses "maus-tratos".

55. Muito poderia ser dito sobre a importância e a delicadeza de presidir. Em várias ocasiões me concentrei na exigente tarefa de fazer a homilia. [17] Limito-me agora a algumas considerações mais amplas, querendo sempre refletir convosco sobre como somos formados pela Liturgia. Penso na normalidade das missas dominicais em nossas comunidades: refiro-me, portanto, aos sacerdotes, mas implicitamente a todos os ministros ordenados.

56. O sacerdote vive sua típica participação na celebração em virtude do dom recebido no sacramento da Ordem: esta tipicidade se expressa precisamente na presidência. Como todos os ofícios que ele é chamado a desempenhar, não é primordialmente uma tarefa atribuída pela comunidade, mas sim a consequência da efusão do Espírito Santo recebida na ordenação que o habilita a fazê-lo. O presbítero também é formado por ele presidir a assembléia que ele celebra.

57. Para que este serviço seja bem feito - com arte, de facto - é de fundamental importância que o presbítero tenha sobretudo uma viva consciência de ser, por misericórdia, uma presença particular do Ressuscitado. O ministro ordenado é ele próprio uma das modalidades da presença do Senhor que torna a assembleia cristã única, diferente de qualquer outra (cf. Sacrosanctum Concilium, não. 7). Este fato confere profundidade "sacramental" - em sentido amplo - a todos os gestos e palavras daquele que preside.

A assembléia tem o direito de poder sentir naqueles gestos e palavras o desejo que o Senhor tem, hoje como na Última Ceia, de continuar a comer a Páscoa conosco. O Ressuscitado é, portanto, o protagonista, certamente não nossas imaturidades que buscam, assumindo um papel e uma atitude, uma apresentabilidade que não podem ter. O próprio sacerdote é dominado por este desejo de comunhão que o Senhor tem para com cada um: é como se estivesse colocado no meio entre o coração ardente do amor de Jesus e o coração de cada crente, objeto do seu amor. Presidir a Eucaristia é mergulhar na fornalha do amor de Deus. Quando nos é dado compreender, ou mesmo apenas intuir, esta realidade, diretório que exige que nos comportemos adequadamente. Se precisamos disso, é pela dureza do nosso coração. A norma mais elevada, e portanto a mais exigente, é a própria realidade da celebração eucarística que seleciona palavras, gestos, sentimentos, fazendo-nos compreender se são ou não adequados à tarefa que devem desempenhar. É evidente que também isto não pode ser improvisado: é uma arte, pede ao presbítero que a aplique, isto é, uma assídua frequência do fogo do amor que o Senhor veio trazer à terra (cf. Lc 12: 49).

58. Quando a primeira comunidade parte o pão, obedecendo ao mandamento do Senhor, fá-lo sob o olhar de Maria que acompanha os primeiros passos da Igreja: "foram perseverantes e de acordo na oração, juntamente com algumas mulheres e Maria, a mãe de Jesus" (Atos 1:14). A Virgem Mãe "supervisiona" os gestos de seu Filho confiados aos Apóstolos. Assim como guardou em seu seio,

depois de ter aceitado as palavras do anjo Gabriel, o Verbo feito carne, a Virgem guarda mais uma vez no seio da Igreja aqueles gestos que fazem o corpo de seu Filho. O sacerdote, que repete esses gestos em virtude do dom recebido com o sacramento da Ordem, é guardado no seio da Virgem. Você precisa de uma regra para nos dizer como se comportar?

59. Tornados instrumentos para fazer arder na terra o fogo do seu amor, guardado no seio de Maria Virgem feita Igreja (como cantava São Francisco), os presbíteros deixam-se operar pelo Espírito que quer completar a obra que os seus ordem. A ação do Espírito oferece-lhes a possibilidade de presidir à assembléia eucarística com temor de Pedro, consciente de que ele é pecador (cf. Lc 5, 1-11), com a forte humildade de um servo sofredor (cf. Is 42ss.), com o desejo de "ser comido" pelas pessoas que lhes são confiadas no exercício diário do ministério.

60. É a própria celebração que educa para esta qualidade de presidência, não é, repetimos, uma adesão mental, ainda que nela esteja envolvida toda a nossa mente, bem como a nossa sensibilidade. O presbítero é, portanto, formado na presidência pelas palavras e gestos que a liturgia coloca em seus lábios e em suas mãos.

Ele não se senta em um trono [18] porque o Senhor reina com a humildade de quem serve. Não rouba a centralidade do altar, sinal de Cristo de cujo lado dilacerado brotou a água e o sangue, fonte dos sacramentos da Igreja e centro do nosso louvor e da nossa ação de graças comum. [19]

Aproximando-se do altar para a oferta, o presbítero é educado à humildade e ao arrependimento com as palavras: "Humilde e arrependido, acolhe-nos, ó Senhor: seja agradável a ti o nosso sacrifício, que hoje se oferece diante de ti". [20]

Ele não pode presumir-se para o ministério que lhe foi confiado porque a Liturgia o convida a pedir para ser purificado, sob o signo da água: "Lava-me, ó Senhor, da minha culpa, do meu pecado, purifica-me". [21]

As palavras que a liturgia põe em seus lábios têm conteúdos diversos que pedem tons específicos: pela importância dessas palavras, pede-se ao sacerdote uma verdadeira *ars dicendi*. Eles dão forma aos seus sentimentos íntimos, ora na súplica ao Pai em nome da assembléia, ora na exortação dirigida à assembléia, ora na aclamação a uma só voz com toda a assembléia.

Com a oração eucarística - da qual participam também todos os batizados, escutando com reverência e silêncio e intervindo com aclamações [22] - quem preside tem a força, em nome de todo o povo santo, de recordar ao Pai a oferta de seu Filho na Última Ceia, para que aquele imenso dom se faça presente novamente no altar. Nessa oferta ele participa com a oferta de si mesmo. O presbítero não pode narrar a Última Ceia ao Pai sem participar dela. Ele não pode dizer: "Tome e coma todos eles: este é o meu Corpo oferecido em sacrifício por você", e não viver o mesmo desejo de oferecer seu próprio corpo, sua própria vida pelas pessoas a ele confiadas. É o que acontece no exercício do seu ministério.

De tudo isso e muito mais, o sacerdote se forma continuamente na ação celebrativa.

61. Queria apenas oferecer algumas reflexões que certamente não esgotam o imenso tesouro da celebração dos santos mistérios. Peço a todos os bispos, sacerdotes e diáconos, formadores de seminários, professores de faculdades teológicas e escolas de teologia, todos os catequistas e catequistas, que ajudem o santo povo de Deus a recorrer ao que sempre foi a fonte primária da espiritualidade cristã. Somos continuamente chamados a redescobrir a riqueza dos princípios gerais expostos nos primeiros números da *Sacrosanctum Concilium*, compreendendo o vínculo íntimo entre a primeira das Constituições conciliares e todas as outras.

Por isso não podemos voltar àquela forma ritual que os Padres conciliares, cum Petro esub Petro, sentiram a necessidade de reformar, aprovando, sob a orientação do Espírito e de acordo com sua consciência de pastores, os princípios dos quais nasceu a reforma. Os Santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II ao aprovar os livros litúrgicos reformados ex decreto *Sacrosancti Œcumenici Concílio Vaticano II* garantiram a fidelidade da reforma ao Concílio. Por isso escrevi *Traditionis Custodes*, para que a Igreja possa suscitar, nas várias línguas, uma única e idêntica oração capaz de exprimir a sua

unidade. [23] Esta unidade, como já escrevi, pretendo restabelecer-se em toda a Igreja de Rito Romano.

62. Gostaria que esta carta nos ajudasse a reavivar a admiração pela beleza da verdade da celebração cristã, a recordar a necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma arte celebrativa que está ao serviço do verdade do mistério pascal e a participação de todos os batizados, cada um com a especificidade de sua vocação.

Toda esta riqueza não está longe de nós: está nas nossas igrejas, nas nossas festas cristãs, na centralidade do domingo, na força dos sacramentos que celebramos. A vida cristã é um caminho contínuo de crescimento: somos chamados a deixar-nos formar com alegria e em comunhão.

63. Por isso, gostaria de deixar mais uma indicação para continuar nossa jornada. Convido-vos a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do dia do Senhor: também este é uma consignação do Concílio (cf. Sacrosanctum Concilium, nn. 102-111)

64. À luz do que acima referimos, entendemos que o ano litúrgico é para nós a possibilidade de crescer no conhecimento do mistério de Cristo, mergulhando a nossa vida no mistério da sua Páscoa, à espera do seu regresso. Esta é a verdadeira formação permanente. Nossa vida não é uma sucessão aleatória e caótica de eventos, mas um caminho que, de Páscoa a Páscoa, nos conforma a Ele na expectativa de que a bendita esperança se cumpra e nosso Salvador, Jesus Cristo, venha. [24]

65. Na passagem do tempo renovada pela Páscoa, a cada oito dias a Igreja celebra no domingo o acontecimento da salvação. O domingo, antes de ser um preceito, é um dom que Deus dá ao seu povo (por isso a Igreja o guarda com um preceito). A celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de ser formada pela Eucaristia. De domingo a domingo, a Palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência querendo realizar em nós aquilo para que foi enviada (cf. Is 55,10-11). De domingo a domingo, a comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo quer também fazer da nossa vida um sacrifício agradável ao Pai, numa comunhão fraterna que se torna partilha, acolhimento, serviço. Domingo a domingo,

Abandonemos a controvérsia para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, guardemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da Liturgia. A Páscoa nos foi dada, deixemo-nos resguardar pelo desejo que o Senhor continua a ter de poder comê-la conosco. Sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja.

Dado em Roma, em São João de Latrão, no dia 29 de junho, Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, no ano de 2022, décimo do meu pontificado.

## FRANCISCO

Toda a humanidade treme, todo o universo treme e o céu se alegra,

quando no altar, na mão do sacerdote,

Cristo está presente, o Filho do Deus vivo.

Ó admirável altura e estupenda designação!

Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade,

que o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus,

humilhar-se a ponto de esconder, para nossa salvação,

sob a aparência de pãozinho!

Vejam, irmãos, a humildade de Deus,

e abri vossos corações diante dele;

humilhai-vos também, para que sejais exaltados por ele.

Portanto, nada guardeis de vós para vós mesmos,

para que todos e totalmente possam acolher Aquele que se oferece tudo a vós.

São Francisco de Assis

Carta a toda a Ordem II, 26-29

- 
- [1] Cf. Leão Magno, Sermo LXXIV: De ascensione Domini II, 1 : "quod [...] Redemptoris our conspicuum fuit, in sacramenta transiti".
- [2] Praefatio paschalis III, Missale Romanum (2008) p. 367: "Qui immolátus iam non móritur, sed sempre vivit occísus".
- [3] Ver Missale Romanum (2008) p. 532.
- [4] Veja Agostinho, Enarrationes in psalmos. Ps. 138,2; Oratio post septimam lectionem, Vigilia paschalis, Missale Romanum (2008) p. 359; Super oblata, Pro Ecclesia (B), Missale Romanum (2008) p. 1076.
- [5] Ver Agostinho, In Ioannis Evangelium tractatus XXVI, 13.
- [6] Veja Litteræ encyclicæ Mediator Dei (20 de novembro de 1947) em AAS 39 (1947) 532.
- [7] AAS 56 (1964) 34.
- [8] R. Guardini, Liturgische Bildung (1923) in Liturgie und liturgische Bildung (Mainz 1992) p. 43; comércio isto. Formação Litúrgica (Brescia 2022) p. 69.
- [9] R. Guardini, Der Kultakt und die gegenwärtige Aufgabe der Liturgischen Bildung (1964) in Liturgie und liturgische Bildung (Mainz 1992) p. 14; comércio isto. O ato de adoração e a tarefa atual da formação litúrgica. Uma carta (1964) em Formação Litúrgica (Brescia 2022) p. 33.
- [10] De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum (1990) p. 95: "Agnosce quod age, imite quod tractabis, et vitam tuam mysterio dominicæ crucis conforma".
- [11] Leão Magno, Sermo XII: De Passione III, 7.
- [12] Irenæus Lugdunensis, Adversus hæreses IV, 20,7.
- [13] R. Guardini, Liturgische Bildung (1923) in Liturgie und liturgische Bildung (Mainz 1992) p. 36; comércio isto. Formação Litúrgica (Brescia 2022) p. 60.
- [14] Cântico das Criaturas, Fontes Franciscanas, n. 263.
- [15] R. Guardini Liturgische Bildung (1923) in Liturgie und liturgische Bildung (Mainz 1992) p. 99; comércio isto. Formação Litúrgica (Brescia 2022) p. 139.
- [16] Cf. Institutio Generalis Missalis Romani, nn. 45; 51; 54-56; 66; 71; 78; 84; 88; 271.
- [17] Ver Exortação Apostólica Evangelii gaudium (24 de novembro de 2013), nn. 135-144.
- [18] Cf. Institutio Generalis Missalis Romani, n. 310.
- [19] Prexdicationis in Ordo dedicationis ecclesiæ et altaris (1977) p. 102.
- [20] Missale Romanum (2008) p. 515: «In spiritu humilitatis et em uma alma contrito desperta amor por ti, Domine; et sic fiat sacrificium nostrum in conspectu your hodie, ut placeat tibi, Domine Deus".
- [21] Missale Romanum (2008) p. 515: "Lava me, Domine, ab iniquitate mea, et a sin meo munda me".
- [22] Cf. Institutio Generalis Missalis Romani, nn. 78-79.
- [23] Cf. Paulus VI, Constitutio apostolica Missale Romanum (3 de abril de 1969) in AAS 61 (1969) 222.
- [24] Missale Romanum (2008) p. 598: "... expectantes beatam spem et adventum Salvatoris our Iesu Christi".

[01027-PT.01] [Texto original: italiano]